



Introdução

É grande o desafio que os educadores têm encontrado em relação à indisciplina em sala de aula e na escola, tanto na pública como na particular, todavia com manifestações diversas(2). Sabemos também que não se trata de um problema apenas brasileiro, apesar das peculiaridades encontradas aqui; temos relatos, por exemplo, de gangues estudantis que têm batido nos professores na França, do alto número de mortes nas escolas públicas americanas, fruto da violência, das conseqüências nefastas da rígida disciplina japonesa, levando ao suicídio e à falta de criatividade.

Esta questão tem ocupado um espaço cada vez maior do cotidiano escolar no País. É grande também a insatisfação daí decorrente, chegando até a se constituir em causa de abandono do magistério. Houve época em que a

1 Doutorando em Didática na USP, pós-graduado em Educação pela PUC/SP, filósofo e pedagogo; responsável pelo *Libertad- Centro* de Formação e Assessoria Pedagógica.

2 Podemos ilustrar isto com o recente episódio do vídeo "educativo" da Disney World, para as crianças brasileiras, que certamente não são as "carentes"... (Veja, 20 de novembro de 1996, p. 129).

reclamação partia de professores da 5,1 ou 64 série; depois começou a vir dos de 3a e 43, sendo que atualmente tem vindo até dos que lecionam na Pré-escola... Gostaríamos de deixar claro que não estamos generalizando, mas procurando apontar uma tendência, que é preocupante e precisa ser revertida.

A Queixa

A queixa dos professores em relação à indisciplina tem sido muito forte. Podemos citar, a título de ilustração, alguns depoimentos:

*“A falta de interesse está muito grande. Os alunos estão dispersos, não respeitam mais o professor, estão vivendo em outro mundo. A tecnologia avançou demais e o professor infelizmente não acompanhou, ficou desinteressante para eles. Eles estão acostumados a apertar botão de **videogame**, de computador, a ver televisão e aí aparece o professor com apagador e giz... O professor não está conseguindo ter domínio, as aulas estão muito no passado, muito antigas. Os meios de comunicação ao invés de ajudar estão atrapalhando: programas muito violentos. Não está existindo liberdade com responsabilidade. As crianças de hoje são mais espertas do que antigamente. A família não tem colaborado; os alunos vêm sem limites de casa. Geralmente há até convivência dos pais: o professor nunca tem razão. Há muitos problemas familiares. A própria família não sabe o que fazer; a mãe fala: “o que eu faço com ele? Vou matar?”. A disciplina em sala de aula extrapola totalmente e aí não tem jeito, só se bater e bater não pode. Eu não sei o que fazer com a classe. Tem hora que dá vontade de baterem todo mundo. Às vezes, o professor é completamente ignorado na sala de aula; você entra e parece que não entrou ninguém. Por que se dá tanta regalia para os alunos e o professor é tão esfolado em sala de aula? Como manter uma aula decente se você não tem material pedagógico, não tem condições de trabalho, não tem nada? Você vai tentar punir o aluno, não pode porque a direção não deixa, o*

Estado não permite, os pais não permitem... Há também a indisciplina social. Há muita impunidade na sociedade: as pessoas fazem coisas e não acontece nada com elas. Falta perspectiva ao jovem: não sabe para que estudar. Aluno diz: "eu vou ser jogador de futebol, não preciso de estudo". trai ganhar muito mais do que eu... As vezes, muitos de nós, profissionais da área, ficamos desmotivados pois o professor não ganha tão bem. O professor também se desmotiva: Ah, para que eu vou mudar? Para que fazer meu planejamento assim? Ah, uso 0 do ano passado'. O que fazer quando aluno desrespeita muito o professor e depois diz assim: "não me amole que hoje eu já fumei maconha"? Como explicar que a classe é disciplinada com determinado professor e não é com outro? É preciso ver a postura do professor, o método que utiliza. Continuamos com métodos elitistas e arcaicos. O que é para nós disciplina? É a prática do silêncio?"

Podemos perceber alguns focos da queixa: o aluno, *seu desinteresse*, decorrente da tecnologia a que tem acesso fora da escola; os meios de comunicação, a sua influência negativa; a família, não cumprindo seu papel; a escola, que não apóia o professor; a sociedade, sua (des)organização; e, depois de um certo tempo, chega-se a colocarem questão a própria relação pedagógica.

Só por este breve levantamento, podemos ver como o problema da disciplina está ligado a uma série de outras questões; não dá para falar de disciplina de uma forma isolada em relação à realidade maior.

Complexidade

A questão da disciplina pede, para seu enfrentamento, a ajuda de um conjunto de áreas do conhecimento, como a Sociologia, Antropologia, Psicanálise, Ética, Política, Psicologia, Economia, História, Tecnologia, Comunicação Social, além dos próprios saberes pedagógicos. Outro fato a ser considerado é que a disciplina é apenas um aspecto do processo de educação escolar, que por sua vez também é extremamente complexo e exigente, uma vez que se trata de participar da formação, ao mesmo tempo, de trinta, quarenta ou mais sujeitos. Que outra atividade humana apresenta tal nível de complexidade?

O "único" problema do professor é que ele é um sujeito concreto - não é anjo, um ser abstrato -, que trabalha com alunos também concretos, numa realidade concreta; se não fosse isto, tirando a concretude do real, seria superfácil ser professor, mas aí também não haveria necessidade de sua existência...

Temos uma clareza: ser "dador" de aula, "tomador" de conta de aluno é fácil, mas ser professor, no seu sentido radical, não é fácil não. Por isto o professor precisaria ser muito bem formado e muito valorizado.

O Papel da Reflexão (Limites e Possibilidades)

De certa forma, o professor "já sabe" o que deve fazer: em algum momento de sua vida já ouviu falar ou vislumbrou uma possibilidade de como deveria agir. No entanto, muitas vezes, não o faz. Por quê?

1) Não acredita mais profundamente, não está convencido:

- da proposta em si - não tem segurança de que seja o caminho correto;
- da eficácia da proposta - acha que talvez seja muito pouco em relação ao tamanho do problema, que não vai resolver.

2) Não sabe como fazer; uma coisa é ter ouvido falar, outra é ter competência para colocar aquilo em prática.

3) Não vê condições para fazer:

- seja efetivas (fruto de uma análise mais criteriosa da realidade);
- seja fruto de sua percepção, sem muita base no real.

O fazer do sujeito depende do **querer e do poder**, que se relacionam dialeticamente, já que, por exemplo, o não ver possibilidade acaba diminuindo o desejo de fazer. O poder, por sua vez, tem uma **base objetiva**, que são as condições mínimas para a ação; e uma **base subjetiva**, que é o saber fazer. Há também aqui uma relação entre estas dimensões, uma vez que a base objetiva pode ser alterada justamente pela ação consciente do homem, portanto orientada pela base subjetiva.

Qual seria, então, o papel da reflexão?

- 1) Procurar resgatar o professor como sujeito, seu desejo, projeto, sentido, querer.
- 2) Desmontar alguns mitos que funcionam como obstáculos epistemológicos.
- 3) Apontar alguns caminhos, alternativas, que estejam ao seu alcance (não algo "estratosférico"), em termos tanto de **processo**, quanto de **propostas** de ação.

O problema da indisciplina está angustiando cada dia mais os educadores em geral e os professores em particular. A grande pergunta que está na cabeça de

todos é: **o que fazer?** Embora esta questão seja da maior importância e deva ser respondida, entendemos que, antes, outras duas devem ser enfrentadas: **o que está acontecendo?**; **o que queremos?** É comum ouvirmos o seguinte: "Já sabemos bem qual é o problema, até porque o sofremos na pele. Queremos é solução". No entanto, o que temos observado é que padecemos, mas não compreendemos o problema; no trabalho científico costuma-se afirmar que definir bem o problema é já ter 50% da solução...

I - Breve Análise da Realidade

O que está acontecendo? Como entender a questão da indisciplina escolar? O que está por trás da manifestação do problema?

1 -Tentando compreender o que está acontecendo

Antes de mais nada, é preciso compreender que houve profundas mudanças na escola, na sociedade e nas suas relações. Parece difícil aos educadores darem-se conta disto. O saudosismo ou o espírito de acusação estão muito fortes no cotidiano da escola. Agredidos, procuram inconscientemente algum alvo onde possam descarregar suas mágoas, suas incompreensões...

Sempre que pensamos em disciplina, logo nos vêm à mente as idéias de **limites** (restrição, frustração, interdição, proibição etc.) e de **objetivos** (finalidades, sentido para o limite colocado). A nosso ver, a crise da disciplina escolar hoje está associada justamente à crise de objetivos e de limites que estamos vivenciando.

Crise de Sentidos

Do ponto de vista dos objetivos, há uma crise geral de projetos, de sentidos para as coisas, em nível tanto mundial quanto nacional, tanto institucional quanto pessoal, tanto ideológico quanto sociopolítico-cultural. Há um sentimento generalizado de "geléia geral", que se manifesta na desconfiança em relação à razão, no "fim da história" e das utopias, no "salve-se quem puder", no "procure curtir ao máximo a sua vida já" etc.

Na escola, esta crise se manifesta de muitas formas, mas com certeza uma das mais difíceis de enfrentar é a absoluta falta de sentido para o estudo por parte dos alunos. A pergunta "estudar para quê", nos parece, nunca esteve tão forte na cabeça dos alunos como agora. A famosa resposta dada por séculos, estudar para ser alguém na vida", chega a provocar risos nos alunos, ante a clara constatação de inúmeras pessoas formadas, porém desempregadas ou muito

mal-remuneradas. Estamos vivendo a queda do mito da ascensão social através da escola! Como entender isto? O esquema a seguir procura sintetizar a mudança que ocorreu nos últimos anos:

Crescimento dos Diplomados

- Aumento efetivo do número de vagas no 1º- e 2º Grau na Escola Pública
- Aumento efetivo do número de vagas no 3º- Grau na escola particular



Mais alunos formados

Queda da Necessidade de Mão de Obra Qualificada

- Concentração de renda
- Recessão
- Importação de tecnologia
- Robótica na indústria
- Informática nos serviços



Menos empregos

Resultado:



Mais alunos com diploma na mão e desempregados!

Este sentido extrínseco ao processo pedagógico foi a tábua de salvação de muitos professores: os alunos não viam sentido no que estavam fazendo, mas tinham em mente a perspectiva de uma recompensa mais tarde. Este era o "projeto educativo" de milhares de educadores. Hoje, os alunos continuam não vendo sentido nas práticas de sala de aula, e não vislumbram mais um futuro promissor pela via do diploma. O professor que baseava sua autoridade neste mito está perdido. E, o que é pior, não tem conseguido articular outro sentido para o conhecimento, a escola, o estudo.

A escola ficou protegida de suas contradições internas por muito tempo em função de sua relação de "parceria" com o mercado de trabalho. Esta motivação extrínseca - já que não estava ancorada na própria relação pedagógica - encobria e tornava "suportável" o que lá acontecia, tendo em vista o prêmio posterior ("Sofro agora, mas depois terei um bom emprego, serei alguém na vida"). Estamos diante do autêntico problema, que não é absolutamente novo, mas que agora-finalmente, nos parece-tem de ser enfrentado...

Esta situação em que vemos muitos professores alienados, fazendo o que lhes mandam ("Tenho de cumprir o programa", "Tenho de dar tarefa, senão os pais

reclamam" etc.), não deveria nos surpreender, pois é justamente isto que a escola vai ensinando desde cedo aos seus alunos: **obedecer sem questionar!** (e o professor foi aluno por muito tempo e para ter "sucesso" provavelmente teve de se submeter às regras do jogo). No atual momento, quando os alunos passai a se rebelar, alguns professores parecem meio indignados, traídos: "Ué, podia fazer isto? Por que não fizemos no nosso tempo? Por que obedecemos passivamente? Por que engolimos os "sapos'". Parece haver uma sutil inveja d professor em relação ao seu aluno, que agora contesta, questiona, busca o sentido das coisas...

Este "estouro" do problema disciplinar na escola é, com certeza, um sinal, que precisa ser decodificado, entendido.

Crise dos Limites

Ora, só esta ausência de projeto já seria suficiente para provocar um grande estrago na sala de aula e na escola, afinal "para que me comportar se não vejo sentido naquilo que estou fazendo?". Mas a este fator vêm-se acrescentar outro: dois, um de ordem circunstancial e outro estrutural. De um lado, tudo isto está acontecendo justamente no momento em que os professores estão submetidos às mais desfavoráveis condições de trabalho dos últimos tempos: má formação, salários miseráveis, número excessivo de alunos em sala, falta de material didático apropriado, falta de espaço de trabalho coletivo constante na escola etc De outro lado, temos a crise dos próprios limites, alimentada pela necessidade de um mercado baseado na exacerbação do consumo.

Nesta perspectiva, a quebra de limites é fundamental para poder alimentar a lógica do consumismo, e o grande alvo desta guerra é a criança, elo mais fraco da corrente. Basta ver o número de propagandas dirigidas às crianças ou mesmo usando crianças como chamariz, pois se descobriu que, além de seu consumo direto, a criança hoje tem forte influência no consumo da família, chegando a decidir desde o tipo de eletrodoméstico até a marca de carro a ser comprado. Quebrar limites-especialmente da criança-tornou-se, pois, fundamental. É um processo social de infantilização, onde é preciso satisfazer rapidamente os desejos sob o fantasma da frustração e até mesmo do trauma". O importante é viver bem o aqui e o agora -vejam a relação com a crise dos objetivos -, desfrutar, fruir. Numa propaganda em Recife, era sugerida à criança uma série d atos de protesto para o caso de os pais se recusarem a levá-la ao *shopping* durante as férias (ex.: bater o pé, não comer, ligar para a avó etc.). A que ponto chegamos... Alguns pais, perplexos, chegam a esboçar justificativas diante da tirania dos filhos: "Veja como meu filhinho já tem personalidade"...

Creemos que está suficientemente claro como a família também é vítima desta processo: de centro de convivência e espaço de formação básica do ser humano

transformou-se, na ótica da classe dirigente, em unidade de restabelecimento de força de trabalho e de consumo. Impelidos, por um lado, para o trabalho em função da queda progressiva dos salários e, por outro, massacrados pelos meios de comunicação, os pais acabam caindo no círculo vicioso: desejo de consumo --> busca de recursos --> mais trabalho --> menos tempo de convivência com filhos --> culpa --> menos limites --> liberação para consumo --> mais necessidade de recursos...

Bem, a partir destas rápidas considerações, podemos ver o tamanho do problema cujos reflexos estamos enfrentando na escola.

2 - Obstáculos epistemológicos

Quando analisamos a posição dos educadores em relação ao problema disciplinar, encontramos certas representações mentais, incorporadas mais ou menos fortemente, mais ou menos conscientemente, que podem funcionar como "obstáculos epistemológicos" e, se não forem levadas em conta, dificultarem muito a construção de novas perspectivas de ação dos educadores. Vamos citar três que nos parecem muito presentes atualmente.

Espera da "Receita Mágica"

A situação anda tão difícil que muitos professores andam sonhando com alguma "solução mágica". Isto chega até a ser expresso em tom de brincadeira nos encontros, mas com tal frequência que não pode ser considerado apenas como caso isolado ou brincadeira.

O que significaria uma solução mágica? Basicamente, tratar-se-ia de algo feito pelo outro e que daria resultado imediato. Ou seja, a questão da "receita infalível" é problemática por colocar a solução fora do sujeito e por negar o caráter processual de mudança da realidade.

De certa forma, podemos entender esta busca de solução mágica também como reflexo de um não conseguir aceitar a situação tal como se coloca hoje. Para a maioria dos professores está realmente muito difícil assimilar a mudança que houve no seu status, nas suas condições de trabalho; neste sentido, a "mágica" representa certa nostalgia, uma negação pura e simples da realidade.

Idealização das Alternativas

Na busca de superação dos problemas, muitas vezes as alternativas encontradas têm uma forte carga idealista, o que significa dizer que não levam

em conta um conjunto de determinantes da realidade concreta. É claro que toda proposta que vise à superação tem uma carga de negação em relação à realidade atual - caso contrário, não seria superadora. A distorção do idealismo é exacerbar as possibilidades em detrimento dos limites. Assim, por exemplo, afirma-se que, para evitar indisciplina, a aula do professor deve ser interessante.

Até aí estamos de acordo; a questão surge quando vamos aprofundar tal proposta e vemos que se espera que o professor sozinho interesse a todos os alunos, o tempo todo. Ora, isto seria o ideal; contudo, sabemos que dificilmente ocorrem situações assim no cotidiano da escola. Se a proposta fosse colocada em termos de se criar um clima hegemônico - e não de totalidade - de interesse, com a participação também dos alunos - e não só do professor-, considerando ainda que o estudo é um trabalho, o que demanda esforço, concentração - e não só mera fruição -, estaria, nos parece, mais de acordo com a realidade, sem perder seu caráter superador.

Outro exemplo: a questão da resolução dos problemas da escola através da tecnologia. Há algum tempo, saiu uma reportagem na revista *Veja* sobre questões de disciplina, onde, ao término, ficava-se com a nítida impressão de que o computador era a grande saída. Alguns críticos chegaram mesmo a levantar a hipótese de a reportagem ter sido "encomendada" pelas empresas de informática, tendo em vista a intenção do Ministério da Educação de equipar as escolas com computadores. No entanto, algum tempo depois, a própria revista trouxe outra reportagem onde se colocava que as coisas não eram tão simples assim, pois muitas escolas adotaram o computador e continuavam com os mesmos problemas. É claro, pois a saída não é o computador em si; não adianta colocar a tecnologia se não vier ligada a um projeto político-pedagógico, que dará o sentido e a direção do uso da informática na escola. Devemos estar muito atentos, especialmente na Escola Pública, pois, em função de sua carência muito grande em termos materiais, podemos ficar depositando nossa esperança em algumas soluções mágicas, como esta do computador: "Ah, se tivéssemos computador"... Como sabemos que não é bem assim? Basta ver o caso das escolas particulares que adotaram computador, cujos alunos continuam entediados do mesmo jeito; eles têm quinze minutos de êxtase com o novo CD passado o efeito da novidade, cai-se no desinteresse da mesma forma. Isto porque a "novidade" não vem articulada a um novo projeto, a novas relações pedagógicas. Não estamos absolutamente dizendo que o computador não é um bom recurso; muito pelo contrário. O que questionamos é a visão ingênua de colocar a solução dos problemas educativos na máquina.

Sensação de "Não-Poder"

A sensação de não-poder talvez seja hoje um dos maiores obstáculos epistemológicos a serem enfrentados. É impressionante como o professor

acabou assimilando a idéia de que não tem forças, de que não pode, de que a solução dos problemas está fora dele.

Muitas vezes, sente-se desgastado, destruído, traído, usado, acusado, desprezado, humilhado, explorado. Neste contexto, colocar a "culpa" fora dele pode ser a saída inconsciente de autoproteção, não por ser relapso, mas sim porque no fundo acha que não pode, não tem força para mudar. Quando questionado sobre os problemas, vai logo apontando: "É a família", "É o sistema". Ao fazer isto, esvazia sua competência profissional e existencial; perde o senso crítico, pois não consegue se situar diante do real; perde a autoridade, já que não é responsável por nada. Está marcado pelo impossível, pelo não-poder. Frequentemente, o colocado por ele como condição para iniciar a caminhada é justamente o resultado de um processo de lutas e conquistas.

Nas reuniões pedagógicas, nos encontros de formação, quando perguntamos aos professores sobre qual segmento⁽³⁾ mais próximo poderiam atuar, é muito comum ouvirmos: o aluno! Isto pode revelar até uma certa esquizofrenia, por não conseguir se perceber, por perder o contato consigo mesmo. Vejam o ponto a que chegamos: a anulação do poder do professor para enfrentar a realidade.

A situação em que o professor fica é profundamente ambígua: de um lado, está justificado, pois "não é com ele", mas, de outro, está absolutamente impotente...

De certa forma, este sentimento de impotência é aprendido no cotidiano social, onde, num caldo cultural de colonialismo e paternalismo, parece que tudo só pode ser resolvido pelos "grandes"; o cidadão comum nada pode. O professor diante do problema disciplinar, achando que não pode fazer nada, parte para outra atitude extrema: se livrar, expulsar o aluno (algo semelhante à pena de morte no contexto social mais amplo).

Assume-se uma impotência na dimensão tanto cognitiva- incapacidade de fazer aprender o aluno que apresenta dificuldade -, quanto social - incapacidade de alterar a condição de origem do aluno pobre.

Este não-poder pode ser real (fruto de determinantes objetivos colocados historicamente) ou imaginário (fruto de representações, mitos, preconceitos). É claro que ambos nos preocupam; porém, enquanto o primeiro é pauta de luta, o último acaba negando as potencialidades transformadoras dos sujeitos.

O enfrentamento deste obstáculo vai-nos remeter à questão: é possível transformara realidade? Como?

3 Sociedade, Família, Escola, Professor ou Aluno.

II - Resgate do Professor

A partir do exposto até aqui, fica claro que um dos maiores desafios é o resgate do professor como sujeito de transformação: acreditar que pode, que tem um papel a desempenhar muito importante, embora limitado. Acreditar na possibilidade de mudança do outro, de si e da realidade.

O que fizeram conosco

Já de algumas décadas vem ocorrendo um processo de imbecilização, de destruição do professor, que chegou até a atingir profundamente seu autoconceito, sua auto-imagem, sua auto-estima. Isto é uma perversidade em termos de País. As classes dominantes tiram vantagem desta situação em termos imediatos - um povo sem educação e cultura é mais facilmente manipulado -, mas é um suicídio coletivo a longo prazo. Estamos percebendo alguns sinais claros disto: a questão da violência está emergindo com tanta força, que assusta a todos, até os próprios dominantes. Por trás deste fato, há também, com certeza, um trabalho educacional malfeito, seja no sentido da negação da possibilidade do processo de humanização dos sujeitos, seja no sentido da anulação do caráter transformador do conhecimento.

De onde vem o drama do professor? Em parte, da percepção de que está incapacitado para dar conta de sua tarefa: o mundo mudou, o aluno mudou, mudou a relação escola-sociedade e ele continua o mesmo... O que lhe foi ensinado? Transmitir o conteúdo, cumprir o programa, controlar o comportamento do aluno através da nota. Hoje, as exigências são outras! O que dizer de um profissional da Educação que, muitas vezes, não sabe como se dá o conhecimento, não domina o próprio sentido do que ensina, em alguns casos mais extremos nem ao menos domina o próprio conteúdo que ministra ou, quando domina, ensina baseado na mera transmissão? Isto é doído, sabemos; todavia, com certeza, não será "tampando o sol com a peneira"-querendo esconder nossas falhas e deficiências -que iremos resolver os problemas. Insistimos que não se trata de um julgamento moral, como se o professor fizesse isto porque quer, porque escolheu conscientemente ser um mau profissional. Ele é vítima também de uma lógica desumana e excludente. Mesmo quem saiu dos melhores centros de formação sabe que tem uma séria defasagem na sua capacitação, até porque a educação escolar, como vimos, é uma atividade *de per se* extremamente complexa, ainda mais a ser exercida nos dias de hoje.

Quando olhamos a escola brasileira, o que está produzindo? Fracasso em cima de fracasso: basta ver os elevadíssimos índices de reprovação e evasão escolar, o baixíssimo grau de aprendizagem dos alunos que tiveram "sucesso" revelado nas testagens nacionais e internacionais de conhecimentos mínimos. Esta

sensação de fracasso começa nos próprios professores, por não terem condições mínimas de trabalho. A negação da escola começa pela negação do próprio professor. E isto não é à toa... Precisamos reconhecer sua delicada situação; de certa forma, nunca se pediu tanto ao professor como se pede hoje e ao mesmo tempo, nunca se deu tão pouco.

É necessário superar também este processo de infantilização: a falta de autonomia do professor. Amíúde, decisões superiores são simplesmente comunicadas aos professores, que assumem algo em que não vêem o menor sentido. Se o professor não começar a exercitar um pouco a sua dignidade, a sua cidadania, ter coragem de perguntar: por quê?, para quê? como?; se o professor não reagir, vai continuar imbecilizando-se. Muitos livros didáticos estão aí para isto também: quer coisa mais ofensiva que um livro do professor com resposta? É um profundo desrespeito.

O que vamos fazer com o que fizeram conosco

A grande questão que, a nosso ver, precisa ser enfrentada com urgência e verdade é: muito bem, estamos no buraco.

Como vamos sair desta?

Enquanto não tivermos coragem de enfrentar esta questão, superando os escapismos e os sonhos de eventuais "salvadores da pátria", não veremos muita possibilidade de mudança.

Para mudar a realidade, é preciso fazer uma opção muito clara; no entanto, para não mudar, não é preciso fazer opção, uma vez que há uma lógica montada no sentido da reprodução. É como o sujeito que vai até ao meio do rio com uma bóia e diz: "Agora vou ser neutro: vou ficar parado; não vou nadar nem em direção à nascente do rio, nem em direção à sua foz". Pergunta: embora se tenha posicionado pela neutralidade, ficou parado? Em relação ao rio, sim, porém em relação à margem, não; objetivamente está descendo, embora não tenha optado conscientemente por isto... Há uma lógica em andamento, não podemos ser ingênuos.

Poderíamos lembrar aqui aquela forte colocação de SARTRE:

"O importante não é tanto o que fizeram comigo, mas o que faço com o que fizeram comigo."

É necessário resgatar o professor como sujeito de transformação. Não vai ser mantendo-nos no estágio de heteronomia, onde não podemos pensar, onde tudo vem pronto, que nos estaremos ajudando. Faz-se necessário sair um pouco do "piloto automático", daquele mecanicismo, formalismo, que nos colocaram e começar a exercer uma das funções básicas de qualquer pessoa, de qualquer cidadão, contudo muito importante para o professor, que é a função da reflexão. Refletir, buscar, comprometer-se.

Poderíamos lembrar aqui as reflexões de FOUCAULT sobre a questão do poder: onde está o poder? Será que está apenas nos dirigentes, na mídia? Ou na verdade, embora tenhamos focos fortes de poder, ele tem uma capilaridade, está no dia-a-dia, nos vários agentes sociais? É preciso resgatar e redirecionar estes micropoderes locais, tendo em vista um projeto novo, denunciando e lutando contra o poder que se exerce como abuso:

"(...) todos aqueles que o reconhecem como intolerável, podem começara luta onde se encontram e a partir de sua atividade (ou passividade) própria. "(FOUCAULT, 1981, p.77).

Vamos lutar onde temos possibilidades concretas, ao mesmo tempo em que buscamos a ampliação destas possibilidades. Seria importante lembrar que o sistema" não funciona sem a mediação de agentes concretos, dos quais nós fazemos parte, e que, por via de conseqüência, temos um poderem mãos, em princípio limitado, mas real, e com possibilidade de ser ampliado de acordo com nossa capacidade de articulação. Precisamos criar uma rede ética de resistência a este processo de brutalização social que está instalado em nosso país.

Acreditamos profundamente no professor; hoje ele pode ter um papel revolucionário (ainda que correndo o risco, ao afirmarmos isto, de sermos chamados de "jurássicos", de utópicos). Esta onda neoliberal, que está aí quebrando todas as esperanças, tem muitos interesses não explicitados. O professor lida sim com a esperança, com a utopia; isto faz parte da essência do seu próprio trabalho.

Respeito e Exigência

A situação é delicada, pois o professor precisa ser compreendido, precisa de "colo", mas ao mesmo tempo deve ser chamado às suas responsabilidades, ter coragem de se rever, de assumir a parte que lhe cabe, se quiser superar esta infantilização a que foi submetido. Um dos critérios para se definir uma profissão é que os sujeitos que a abraçam possam ser responsabilizados pelo seu exercício.

O contexto está extremamente difícil, complexo. No entanto, não devemos ver o professor através de uma representação lamentavelmente muito enraizada: como um "coitadinho". Ele é um ser contraditório, como outro qualquer. Ao levantarmos certas questões sobre a sua prática, corremos o risco de sermos encarados como inimigos, como se estivéssemos contra ele: sente-se culpabilizado pelo fracasso do aluno e da escola. É preciso, no entanto, falar das responsabilidades e, neste campo, com certeza, o professor tem uma parcela, ainda que absolutamente não exclusiva. É preciso falar de projeto, de compromisso, de mudança da realidade. E aí, mais uma vez, o professor que ainda não entregou os pontos tem uma importante contribuição a dar.

Responsabilidade

O restabelecimento dos objetivos e dos limites é tarefa de quem? Podemos ter aqui mais uma grave fonte de desvios: o famoso jogo do "empurra-empurra". Quando se chega a este momento de ver o que fazer, há uma tendência de ficar esperando que o outro resolva o problema. Cada segmento tem suas queixas e expectativas; se não forem devidamente explicitadas e debatidas, podemos ficar "patinando", num desgastante processo de acusa-acusa, em vez de ajuda-ajuda.

Só a título de exemplificação, é muito comum ouvirmos dos professores a queixa de que os pais não estabelecem limites, não educam seus filhos com princípios básicos como saber se comportar, respeitar os outros, saber esperar sua vez etc., no que estão normalmente repletos de razão, já que muitas famílias não estão objetivamente cumprindo sua função civilizatória básica. Por outro lado, vemos também a queixa de pais que estão sendo chamados pela escola para ouvir coisas do tipo: "Seu filho não está aprendendo; vocês precisam fazer alguma coisa"... , como se a obrigação de ensinar fosse dos pais. Para termos melhor idéia do que isto significa, pensemos no caso de a família levar o filho a um médico e este, depois de examiná-lo, chamar os pais e dizer: Ele está doente, precisa de alguém que entenda de saúde para poder ajudá-lo"... Ora, quem é o profissional da Saúde, senão o médico? E, de forma análoga, quem é o profissional do ensino, senão o professor? Sabemos que estas afirmações podem causar espanto, mas é só para demonstrar o paradoxo a que chegamos: a escola sendo solicitada a fazer aquilo que seria obrigação dos pais, e os pais sendo solicitados a fazerem o que seria obrigação da escola... Se alguém tem dúvida disto, basta ver como estão progredindo as firmas de "aulas de reforço"... É óbvio que por este caminho de acusa-acusa não iremos muito longe. Mesmo no interior da escola, este problema também se manifesta na não menos famosa "síndrome de encaminhamentos do aluno"...

Entendemos que o problema da disciplina é tarefa de todos: sociedade, família, escola, professor e aluno. Todavia, não podemos ser ingênuos, pois, embora a

tarefa seja de todos, nem todos estão interessados em resolver o problema. O que fazer diante disso? Cruzar os braços e esperar que o outro faça a parte dele, para fazermos a nossa? Não. Até porque, se fizermos isso, nem teremos moral para cobrar do outro. Que atitude ter, então? Uma atitude transformadora, ou seja, começamos tentando fazer a nossa parte, somamos com os aliados da luta e vamos, ao mesmo tempo, cobrando que o outro faça a parte dele. É assim que estamos entendendo esse processo de mudança: que cada segmento assuma suas responsabilidades específicas - que são evidentemente diferentes - e exija que os outros também assumam suas respectivas, enquanto todos se comprometem simultaneamente com a mudança das estruturas que estão por trás do problema.

Sentimos necessidade de apontar para a mudança de enfoque: em vez de culpa, é preciso falarmos de responsabilidade. A culpa, por ser de "fora para dentro", leva ao julgamento e à atitude de defesa, de transferência, de procurar jogar novamente para fora, buscando outro culpado; a preocupação maior acaba ficando em achar o culpado e não em resolver o problema. A responsabilidade, por ser algo mais de "dentro para fora", chama para a ação, para o compromisso com a superação.

A sala de aula e a escola não estão desvinculadas da problemática do resto da comunidade e da sociedade, **porém têm sua autonomia relativa.**

De imediato, eu não tenho condições de mudar as pessoas e/ou o mundo; entretanto, de imediato, eu posso mudar a maneira de me relacionar com as pessoas e com o mundo! Isto não é tudo, mas é um passo importante e de minha responsabilidade!

III - Perspectivas de Ação

O que fazer? Voltamos agora à pergunta inicial, só que melhor equipados para poder respondê-la. Antes, contudo, uma observação sobre a questão do discurso e da prática.

Plasticidade do Discurso x Rigidez da Prática

Assusta muito esta coisa de como a escola não muda, ou muda muito lentamente. O discurso educacional tem mudado com uma velocidade incrível, mas a prática... Um dia fomos tradicionais, logo depois modernos e depois tecnicistas, depois libertadores, e histórico-críticos, crítico-sociais do conteúdo, construtivistas, socioconstrutivistas, pós-construtivistas, co-construtivistas, interdisciplinares, transdisciplinares, qualidade total, holísticos etc. A cada dia é uma novidade que chega. O que poderia representar um ganho, se fosse

apropriado dentro de um quadro de referência maior, com uma visão crítica etc., acaba-se tornando mais uma moda... Esta incorporação no discurso é um desafio, pois tira o eventual caráter transformador das idéias, já que não vem acompanhada de uma ética, de um compromisso com a efetiva mudança da realidade. Sabemos que, muitas vezes, isto pode até funcionar como estratégia de sobrevivência dos professores, ante as exigências equivocadas das equipes diretivas: a direção ou coordenação sai para fazer um cursinho de 40 horas e já volta dizendo que "agora vamos seguir tal linha"...

Precisamos estar atentos a este maldito formalismo na Educação: "Ah, agora é para fazer reunião pedagógica, ter projeto, fazer avaliação diagnóstica etc.? Deixa com a gente". Está tudo resolvido formalmente, contudo a prática continua como antes...

O questionamento que poderia ser proposto aqui é: será que precisamos de uma nova relação de idéias sobre a realidade ou uma nova relação com as idéias e com a realidade? Tomar algumas idéias, alguns princípios, acreditar, ir fundo, tentar colocarem prática, refletir sobre os resultados, reformular etc., constituir uma autêntica práxis pedagógica.

Sentido e Exigências

A partir da análise feita anteriormente, fica patente que a tarefa de construir uma nova disciplina passa pelo restabelecer o sentido para a escola, para o estudo, bem como pelo restabelecer os limites. Só que aqui, em lugar de falarmos simplesmente de limites, vamos falar de exigências, o que inclui os limites, mas também as possibilidades, com freqüência esquecidas; isto é importante para não cairmos numa disciplina meramente restritiva, do "não", "não" e "não".

Muito sinteticamente, apontamos a seguir algumas possibilidades de os vários agentes contribuírem para a construção de uma nova disciplina em sala de aula e na escola.

1 - Resgate do Sentido

- Construir participativamente o projeto político-pedagógico da escola, resgatando o sentido do estudo, do conhecimento.
- Ganhar clareza em relação à postura do educador: dialética direção-participação.
- Ter convicção daquilo que vai ser ensinado.
- Resgatar a significação dos conteúdos.
- Realizar trabalho de conscientização com as famílias.

- Explicitar o sentido das normas existentes (e que neste momento não estão em discussão).
- Superar o formalismo, a burocracia, a alienação das relações.
- Ajudar a fazer a leitura crítica dos meios de comunicação.
- Famílias ajudarem filhos a refletirem sobre sentido da existência.
- Buscar valorização efetiva da Educação e de seus profissionais.
- Comprometer-se com a construção de uma nova ética social.

Sentido para o Estudo

Entendemos que a questão do próprio sentido do trabalho pedagógico é a contradição nuclear hoje na Educação. Se o professor não acredita, se não vê o sentido do que faz, se diante daquela pergunta do aluno: "professor, estudar para quê?", não consegue dar uma resposta, se o próprio professor não sabe o que está fazendo ali, todo o resto, toda a elucubração sobre a necessidade de limites fica comprometida. Porque, como vimos, o limite só tem sentido se for articulado a um objetivo. Então, antes de saber para que estudar oração subordinada substantiva, o aluno tem de saber para que estudar. Esse aspecto é da maior importância. O próprio professor resgatar o sentido do trabalho. Pensar sobre a sua prática. "O que é que estou fazendo aqui? Eu acredito no que faço?" E ter coragem de tomar uma posição. Então, o primeiro ponto é o resgate do sentido da tarefa educativa: **compreender o conhecimento como instrumento de transformação**. Resgatar o sentido do conhecimento. Conhecer para quê? Para poder **compreender** o mundo em que vivemos, para poder **usufruir** dele, mas sobretudo para poder **transformá-lo!** Isto implica o professor tanto se compreender como sujeito de transformação, quanto ter clareza de que está participando da formação dos novos sujeitos de transformação. A nosso ver, se não acreditamos na possibilidade de transformação da realidade, não deveríamos estar no magistério, pois ser professor é essencialmente acreditar na possibilidade desse vir-a-ser.

Há o perigo de, diante da falta de sentido, cairmos no jogo atual da competição: estudar para ser o melhor, para passar na frente dos outros, para poder garantir o seu lugar. Ao invés de caminhar para a superação, reforçamos a lógica de exclusão.

É preciso apontar para a possibilidade da escola como elemento de mudança das relações sociais, de tal forma que se possa voltar a ter esperança de um futuro melhor. Ou será que a escola nada pode diante de um "destino" previamente traçado para o aluno e para a humanidade? É óbvio que não de forma ingênua, como no passado, quando acreditávamos na escola como "redentora da humanidade", desvinculada do resto da sociedade.

Com o avanço assustador das forças produtivas, através da recente revolução da microeletrônica e da informática, que permitem a automação flexível, estamos colocados diante de um desafio enorme: simplesmente recriar as formas de organização do trabalho, as relações humanas, a cultura, uma vez que as condições para reprodução material da vida estão dadas potencialmente; todavia, ao mesmo tempo, estão aprisionadas num modelo ultrapassado de organização social, gerando uma contradição fundamental. Isto deve-nos remeter a solicitar o melhor de cada um e de todos nós: usar o conhecimento, a criatividade para encontrar alternativas.

O professor- não o "dador" de aula - trabalha com a produção do sentido. Hoje, diante do clima de perplexidade do mundo, as pessoas estão procurando ansiosamente sentido para as coisas. É, portanto, o tempo por excelência do autêntico conhecimento, do verdadeiro mestre e do estudo na sua perspectiva radical.

2 - Resgate das Exigências

- Construção coletiva das normas da escola e da sala de aula.
- Resgate do autêntico diálogo, que não é nem o "sermãozinho" particular, nem o "passar a mão na cabeça" como se nada tivesse acontecido.
- Trabalhar com sanções por reciprocidade, superando a punição autoritária, bem como o clima de impunidade.
- Educadores (pais, professores etc): estabelecer e cumprir limites.
- Superar as normas equivocadas ou ultrapassadas.
- Desenvolver uma metodologia participativa em sala de aula.
- Entender o estudo como trabalho.
- Valorizar e incentivar as organizações estudantis.
- Compromisso do professor (dar o melhor de si, não faltar, etc.).
- Criar clima de respeito na escola.
- Conquistar e ocupar bem o espaço de trabalho coletivo constante na escola.
- Aluno assumir a responsabilidade coletiva pela aprendizagem.
- Aluno participar ativamente das aulas, expressar suas necessidades.
- Conquistar melhores condições de trabalho (salário digno, número de alunos adequado em sala de aula, diminuição da burocracia, material didático, instalações etc.).
- Família resolver os eventuais conflitos diretamente com a escola e não através do filho.
- Buscar nova política para os meios de comunicação social.
- Lutar para superação do clima de impunidade na sociedade.

Não iremos aprofundar aqui estes desdobramentos operacionais, tendo em vista

o fato de isto já ter sido feito em outro estudo nosso (VASCONCELOS, 1996). Comentaremos a seguir apenas alguns aspectos.

Questão do Respeito

Muitos problemas de indisciplina têm origem na questão do desrespeito. Com frequência, a indisciplina é uma manifestação de coeficientes de poder não adequadamente equacionados; só que nossos alunos não vão, evidentemente, levantar a mão e argumentar: "Professor, gostaria de pôr em questão nossa relação, tendo em vista a percepção de que entramos num processo de reificação, onde minhas potencialidades ontológicas e epistemológicas estão sendo subestimadas"... Eles não conseguem verbalizar isto de uma maneira clara, mas vão manifestar de alguma forma que as coisas não vão bem, como por exemplo: querer sair a todo o momento da sala de aula, ficar conversando fora do assunto, não fazer as lições, agredir o colega ou o professor etc. Diante da queixa da violência do aluno, precisaríamos refletir: quer violência maior do que a negação da esperança, a negação de um futuro melhor a que o aluno, especialmente das escolas públicas, está submetido? Se queremos enfrentara questão da violência do aluno, com certeza o caminho não é usar outra violência ou ser conivente com ela

Enquanto o desrespeito do aluno, normalmente, é explícito, o desrespeito do professor é camuflado, é sutil. E esse desrespeito tem várias facetas. Uma delas é o preconceito de classe. Na Escola Pública, às vezes, no fundo, o professor não acredita naquele aluno simplesmente por sua condição social. Paulo FREIRE diz que uma das coisas mais cruéis que o sistema nos ensina é detestar o cheiro do pobre. Aprende-se a desconfiar do pobre, a detestar o pobre. Isso é muito complicado. Na escola particular, este preconceito pode ocorrer de forma diferente, porque os alunos pertencem a uma camada de maior poder aquisitivo, sendo comum, inclusive, a tendência a tratar os professores como mais um empregado de casa: "Eu estou pagando". É necessário tentar superar, não deixar que o preconceito vicie a relação. Ao contrário, temos de ganhar esses alunos, seja o menino da camada popular, seja o menino da escola particular, já que estamos engajados num projeto de transformação.

Relacionado ao preconceito anterior, aparece o preconceito quanto às possibilidades do aluno; o professor olha para o aluno e pensa: "Ih, este acho que não vai". É impressionante como isto está presente no cotidiano da escola. Pesquisa feita por COLLARES e MOYSÉS (1996), na 1(a) série do 1o Grau, revela que os professores "acertaram" a previsão de reprovação dos alunos, feita logo no início das aulas, em 80% dos casos. A pergunta que fica é: será que "acertaram" ou condenaram os alunos logo no começo do ano? O professor acertou ou os alunos foram "acertados" pela previsão dele? Outras pesquisas já mostraram isto: a expectativa do professor em relação a seus alunos é decisiva em termos do sucesso ou fracasso que venham a obter. Ora, esta descrença é uma profunda falta de respeito. Outra falta de respeito: as faltas constantes do

professor ou a falta de tolerância para com os erros dos alunos. Sabemos que tudo isto é muito complicado porque é preciso considerar a situação concreta do professor. É necessário criar um clima de respeito também em relação a ele. Se o professor vem de uma seqüência de desrespeito, fica difícil manter um relacionamento de respeito para com os alunos. Lembrando aquele velho chavão "o professor deve vestir a camisa da escola", poderíamos completar insistindo que a escola/mantenedores devem "vestir a pele do professor". Deve-se, portanto, criar um clima de respeito em toda a escola.

Postura do Professor: Dialética da Interação Pedagógica

O que queremos? Para onde queremos ir? Com que tipo de disciplina sonhamos? Diante do quadro caótico, corremos o risco de começar a desejar uma disciplina passiva "como antigamente". Seria esta a saída? No pólo oposto, podemos abrir mão de qualquer preocupação, procurando nos acostumar com o que está aí, numa postura de "liberou geral".

Evidentemente, entendemos que o encaminhamento adequado não seria este. O primeiro, por se constituir numa onda nostálgica, a-histórica, e o segundo, por significar uma autêntica demissão pedagógica. Do ponto de vista das tendências pedagógicas, o primeiro posicionamento estaria relacionado à chamada educação tradicional, e o outro, à educação nova. O que é relativamente difícil de entender aqui é que cada uma destas tendências tem sua parcela de razão, tem um núcleo de bom senso, só que, por não abarcar a totalidade do fenômeno educativo, acaba distorcendo-o.

Uma das maiores dificuldades que temos observado na busca de superação destas concepções de disciplina é a forma de pensar linear, dicotômica, de cunho metafísico, em contraposição a uma forma de pensar ligada ao movimento, à contradição, à totalidade, de cunho dialético.

Diante do fato de se apontar a necessidade de direção por parte do professor (contribuição da concepção tradicional) e de participação ativa por parte do aluno (contribuição da concepção moderna), encontramos as seguintes posturas, na perspectiva dicotômica:

- Optar por uma das partes em detrimento da outra: ou fica no pólo da direção do professor ou (exclusivo) da espontaneidade do aluno.
- Optar pelas duas partes fazendo uma espécie de "revezamento": usa um pouco uma, um pouco outra, numa autêntica justaposição de posturas; vai de um pólo a outro por uma espécie de compensação ("curvatura da vara"): como foi muito duro com o aluno, agora vai ser bem liberal para "equilibrar".

- Optar pelas duas partes, buscando fazer uma "média" entre elas: nem tanto a direção do professor, nem tanto a iniciativa do aluno.
- Ficarem crise e não saber o que fazer: imobilizar-se diante da constatação da existência das duas forças contraditórias na Educação.

Postura do Professor: Dialética da Interação Pedag

Ora, numa perspectiva dialética, o que se propõe não é nem optar por uma das dimensões em detrimento da outra, nem fazer uma média ou revezamento, mas manter a **tensão dialética entre** as duas, resolvendo esta tensão em cada situação concreta, tendo em vista os **objetivos** da proposta pedagógica e a **realidade** concreta dos alunos. Poderíamos aqui questionar o senso comum: a virtude está no meio ou na mediação?

O drama metafísico é o drama shakespeariano: ser ou não ser, eis a questão. O drama dialético é o seguinte: ser e não ser, eis a questão. A metafísica trabalha com exclusão, enquanto a dialética trabalha com superação. A metafísica dicotomiza, separa as coisas, enquanto a dialética percebe os opostos se exigindo mutuamente. A nossa formação é muito metafísica. Ou é ou não é. Nós podemos perceber como a realidade é e não é ao mesmo tempo. Ou seja, a realidade é contraditória; nós somos contraditórios; o nosso aluno é contraditório; o meu colega, o pai do meu aluno, a direção, a sociedade são contraditórios e assim por diante.

E aqui vem, pois, uma questão muito séria: justamente essa capacidade de articular as duas necessidades básicas do processo educativo. A educação, para ser autêntica, precisa de direção, de orientação. Contudo, ao mesmo tempo, precisa de liberdade e de espontaneidade. O desafio é esse: quando estamos sendo 'porto seguro', temos de questionar: "Até que ponto não deveríamos ser 'mar aberto', incentivar a participação do grupo?". Quando estamos sendo "mar aberto", precisamos manter a tensão: "Até que ponto não teríamos de ser "porto seguro", amarrar, sistematizar, intervir?". Manter essa tensão interna é a arte do professor para enfrentar a questão da disciplina. Gostaríamos muito de que houvesse uma receitazinha assim: 50 gramas de tal e qual etc. Mas numa perspectiva dialética, não há. Ser dialético não é ficarem cima do muro, nem é dar uma "dura" e dar uma "alisada". Manter sempre essa tensão é o grande desafio de hoje, para que se possa administrar a disciplina na sala de aula.

A disciplina consciente e interativa, portanto, pode ser entendida como o processo de construção da auto-regulação do sujeito e/ou grupo, que se dá na interação social e pela tensão dialética adaptação-transformação, tendo em vista atingir conscientemente um objetivo.

Necessidade de Autoridade

Sem autoridade não se faz educação; o aluno precisa dela, seja para se orientar, seja para poder opor-se (o conflito com a autoridade é normal, especialmente no adolescente), no processo de constituição de sua personalidade. O que se critica é o autoritarismo, que é a negação da verdadeira autoridade, pois se baseia na coisificação, na domesticação do outro.

Não existe autoridade "em si": a autoridade se define sempre em contextos históricos concretos. Entendemos que um primeiro grande desafio para o resgate da autoridade do professor é, como apontamos anteriormente, a necessidade de ressignificar o espaço escolar, ganhar clareza sobre qual é de fato o papel da escola hoje, porque será justamente neste espaço social que o professor deverá exercer sua autoridade, que obviamente carecerá de sentido se a própria instituição não conseguir justificar sua existência. Um segundo desafio é o professor conseguir se refazer, se reconstruir depois deste turbilhão todo a que foi - e ainda está - submetido.

Neste processo de resgate, o professor deve buscar a legitimação da autoridade a partir do diálogo e da firmeza de proposta. Ter coragem de questionar seus superiores, as normas e exigências colocadas, exercer sua cidadania. É preciso que o professor supere o medo de exercer a autoridade; muitas vezes, isto ocorre em função do medo de entrarem conflito com os alunos, da eventual falta de apoio da escola diante de algum confronto com os pais ou ainda de ser "problema" para a escola.

A autoridade pedagógica é uma prática complexa e contraditória, pois a autêntica autoridade leva em si sua negação, qual seja, a construção da autonomia do outro. Podemos compreender aqui **autoridade** no seu sentido mais radical e transformador, que é "a capacidade de fazer o outro autor". Em função disto, o professor deve viver esta eterna tensão entre a necessidade de dirigir, orientar, decidir, limitar e a necessidade de abrir, possibilitar, deixar correr, ouvir, acatar. Tal contradição é constante e não pode ser anulada, apenas resolvida em diferentes momentos, tendo em vista os objetivos do trabalho, sendo restabelecida logo em seguida em outro patamar e contexto. O drama é sempre este: ser o "porto seguro" e o "mar aberto". É preciso que fique entendido, no entanto, que não se trata absolutamente de caminhar conforme "os ventos sopram", de acordo com as pressões do ambiente. Ser dialético não é isto; é agir de acordo com a necessidade do grupo naquele momento e tendo em vista, com muita clareza, os objetivos que se buscam, para ter critérios de orientação para a tomada de decisão.

Superar a “Síndrome de Encaminhamento

É comum ouvirmos dos professores a queixa de que a disciplina por parte da direção deveria ser mais rígida, mais severa. Isto revela o equívoco da postura de "encaminhamento":

1. A transferência de responsabilidade (o professor não sabe o que fazerem sala, encaminha aluno esperando solução "mágica"). 2. As diferentes visões (ex.: encaminha-se o aluno esperando-se uma coisa e acontece outra). 3. Os problemas de comunicação (ex.: encaminha-se o aluno e não se sabe o que aconteceu com ele).

Por isto, seria importante não entrar na "síndrome de encaminhamento": de que adianta o professor ficar encaminhando alunos "problemas" para a orientação educacional, por exemplo, se o foco do conflito está em outro lugar?

Os conflitos entre alunos e professores devem ser enfrentados, antes de mais nada, por eles próprios. Para isto, o professor deve ter condições de, por exemplo, entabular uma conversa mais particular com algum aluno, se as providências tomadas em sala de aula não foram suficientes para resolver o problema. Se a escola não tiver outra possibilidade, no limite, consideramos ser preferível, então, um membro da equipe ir para a sala de aula e o professor sair com o aluno para ter o diálogo. Alguém poderia ir logo dizendo: "Ah, se eu for fazer isto, vou ficar mais tempo fora do que dentro da sala". Isto aconteceria se se deixasse o problema acumular; enfrentando logo no início, logo quando surge, muito provavelmente não haverá tanta necessidade assim de sair da sala. Isto é muito importante: enfrentar logo no começo. Muitos professores, para "não perder tempo", acabam perdendo todo o tempo durante o ano, pois o tempo que o professor utiliza com estratégias de sobrevivência, quando não consegue equacionar adequadamente o problema da disciplina, chega a ser mais de 50% do tempo útil de aula.

A questão não é, pois, ter uma equipe de especialistas de plantão para encaminhar alunos (fonoaudiólogos, psicólogos, neurologistas, médicos, assistentes sociais, orientadores educacionais, pedagogos, psicopedagogos etc.), mas o professor ser formado, ser capacitado (até com a ajuda destes profissionais) e ter condições mínimas para poder fazer melhor o seu trabalho.

Papel da Equipe Diretiva

Que postura devem ter os membros das equipes diretivas escolares (coordenação pedagógica, orientação educacional, supervisão escolar direção

tc.)? Entendemos que basicamente é preciso criar um clima de confiança, baseado numa ética e no autêntico diálogo. Por exemplo:

- Construir participativamente uma linha comum de atuação. Um dos pontos mais enfatizados pelos professores em escolas que estão com problemas de disciplina é a falta desta linha comum: que todos tenham a "mesma linguagem".
- Ajudar a manter uma visão de totalidade do problema. Algumas vezes, para fazer com que o professor assuma suas responsabilidades, não se fala de todo o resto, apenas questionando se ele já fez sua parte. É claro que isto vai provocar a sensação de ser o "bode expiatório" ("É sempre culpa do professor"; "Cai tudo nas costas do professor" etc.). Não deixar que se perca a visão de conjunto.
- Não designar alguém na escola só para cuidar da disciplina"; a construção da disciplina é tarefa de todos.
- Subsidiar, apoiar o professor para que possa ser o autor da ação educativa, inclusive disciplinar; orientar, ajudar a formar o professor para o diálogo com os alunos.
- Resgatar o saber docente. Reconhecer que os professores construíram um saber a partir de suas experiências. Só que geralmente é um saber fragmentado e até contraditório. Daí a importância de partilhar, fazer a crítica e sistematizar como cultura pedagógica do grupo.
- Confiar no grupo; superar o controle, a vigilância como se o professor fosse irresponsável (ex.: ficar passando pelo corredor e espiando a sala). Algo muito diferente ocorre quando, por exemplo, há um acordo para que alguém da equipe assista à aula, para depois refletir com o professor sobre sua prática. Apoiar as iniciativas de mudança dos professores; isto é sinal de vida. Dar tempo para colocarem prática e analisar. Não frustrar com rigorismo e medo do erro.
- Pesquisar mais a própria prática; ser capaz de levantar as representações dos professores. No caso aqui, o que pensam a respeito dos problemas de disciplina. Ter mais coragem de ouvir; esta é uma coisa que dificulta o trabalho de direção ou coordenação: os professores vêm com suas queixas; a equipe, com medo de que, com aqueles problemas todos, ele desanime, já começa a tentar dar explicações, justificativas, não os deixando falar até o fim. É preciso confiar mais em nossa capacidade, em nossa proposta, na força do próprio grupo e deixá-los falar tudo o que têm para falar, e só depois disto começar a reconstruir coletivamente.
- Ser "colo" quando necessário, mas também ser firme se a situação assim o exigir.
- Num primeiro momento, trabalhar com um grupo menor, que esteja mais aberto, minimamente querendo, que revele uma base de humanidade preservada. Criar base para um trabalho maior.

- Superar o formalismo; abrir espaços para que o professor possa atender os alunos em suas necessidades, sejam de aprendizagem ou relacionamento.
- Apoiar o professor diante da comunidade. Os eventuais equívocos serão tratados internamente. Saber enfrentar pressões equivocadas dos pais. É muito desgastante quando o professor sente que seu trabalho não tem o respaldo da equipe. Vejam, isto não significa conivência, acobertar erros, mas profissionalismo, tratar as coisas na hora e local adequados.
- Favorecer clima ético; cortar "fococas", "diz-que-diz-que".

Como vimos, os desafios a serem enfrentados são enormes. Se não encontrarmos um clima favorável nem entre os companheiros de trabalho, fica muito difícil manter o ânimo e a esperança de que as coisas podem de fato mudar.

Conclusão

Como entender esta construção de uma nova disciplina na sala de aula e na escola? Seria algo fácil, imediato? É evidente que não; é uma tarefa muito difícil, todavia importantíssima. Para enfrentá-la, é preciso ter uma visão de processo.

- É algo extremamente complexo. Muitos fatores interferem. Necessário se faz atuar em todas as frentes. Nenhum fator em si, em princípio, é "decisivo". Há que se analisar o caso concreto (ex.: classe com 15 alunos e terríveis problemas de disciplina). Não desprezar nenhum fator, caso contrário vai acumulando uma série de pequenos problemas que gera um muito maior.
- A mudança não vai ocorrer de uma vez; porém, é um processo, que se dá por aproximações sucessivas: valorizar os passos pequenos, porém concretos e coletivos na nova direção.
- Quanto mais participativo for este processo, maiores serão as possibilidades de dar certo.
- É preciso partir da realidade concreta que temos; não adianta ficar reclamando ou sonhando com outra. É esta a realidade, é **este o ponto de partida para** a transformação.

Referências Bibliográficas

COLLARES, Cecília A. L., MOYSÉS, M. Aparecida A. Preconceitos no *cotidiano* escolar: ensino e medicalização. São Paulo: Cortez, 1996.

ESTRELA, Maria Teresa. *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. 2.ed. Porto: Porto, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

PERRENOUD, Philippe. *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto, 1995.

VASCONCELLOS, Celso S. *Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. 7.ed. São Paulo: Libertad, 1996.

. *Para onde vai o professor: resgate do professor como sujeito de transformação*. 3.ed. São Paulo: Libertad, 1996.

Disciplina consciente e interativa: notas introdutórias. Associação dos Orientadores Educacionais do R. G. do Sul, 1996. mimeo.